



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

1º ciclo do 4º bimestre da 3ª série

Eixo bimestral: **REDAÇÃO DISSERTATIVA / ARGUMENTATIVA**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Barbara Fadul

Conteudistas

Marli Pereira

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2013



O QUE ENSINAR?

LEITURA

- **Reconhecer as características estruturais e as etapas básicas de textos dissertativos opinativos e expositivos.**
- Identificar o tema, as ideias centrais e secundárias, e ainda as informações implícitas do texto.
- Diferenciar tema de título e tema de subtema no parágrafo e no ordenamento dos conteúdos.
- **Diferenciar fato de opinião e relacioná-los aos fatores que concorrem para a construção do ponto de vista.**
- **Relacionar intencionalidade discursiva ao contexto de produção, ao interlocutor e à finalidade comunicativa.**
- **Reconhecer e avaliar diferentes posições sobre um mesmo fato pelo emprego dos verbos de elocução.**

USO DA LÍNGUA

- **Identificar as marcas linguísticas de impessoalidade, de opinião e de generalização.**
- **Identificar o papel argumentativo dos conectivos coordenativos e subordinativos e usá-los de modo a garantir coesão e coerência ao texto.**
- Empregar os pronomes relativos de modo a garantir coesão ao texto.
- Identificar e analisar relações de concordância e regência em textos dissertativo-argumentativos.

PRODUÇÃO TEXTUAL

- **Produzir um texto dissertativo-argumentativo que evidencie diferentes posições.**

É por esse motivo que se deve apresentar aos alunos uma variedade de conectivos em usos efetivos diversos, especialmente nos textos dissertativos-argumentativos. Esse trabalho possibilitará ampliar o leque de opções a que o aluno terá acesso no momento de construir a redação dissertativa argumentativa.

Certamente, após percorrer todas as habilidades já descritas, o aluno alcançará um maior domínio dos traços gerais do gênero focalizado. Isso facilitará sua tarefa de *produzir um texto dissertativo-argumentativo que evidencie diferentes posições*. Assim, o desenvolvimento dessa competência/habilidade tem o mérito de reunir todas as habilidades já apontadas, contribuindo para minimizar a extrema dificuldade de escrever a que se refere a epígrafe desta seção.

COMO ENSINAR?

A fim de tornar esta seção mais objetiva, neste 1º ciclo do 4º Bimestre, as habilidades e competências serão trabalhadas a partir de duas sequências didáticas. De forma semelhante, as referências bibliográficas indicadas nesta seção se direcionam, especificamente, às habilidades/competências deste ciclo. Dessa forma, espera-se conferir mais clareza e dinamismo à seção.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: TEXTOS OPINATIVOS X EXPOSITIVOS

Nesta sequência, foram agrupados quatro descritores de *Leitura* e um de *Uso da Língua* que dizem respeito a aspectos estruturais, funcionais e linguísticos de textos opinativos e expositivos.

Leitura:

- *Reconhecer as características estruturais e as etapas básicas de textos dissertativos opinativos e expositivos.*
- *Diferenciar fato de opinião e relacioná-los aos fatores que concorrem para a*

construção do ponto de vista.

- Relacionar intencionalidade discursiva ao contexto de produção, ao interlocutor e à finalidade comunicativa.

- Reconhecer e avaliar diferentes posições sobre um mesmo fato pelo emprego dos verbos de elocução.

Uso da Língua:

- Identificar as marcas linguísticas de impessoalidade, de opinião e de generalização.

PASSO 1: APRESENTAR TEXTO OPINATIVO E EXPOSITIVO: ATIVIDADE DE PRÉ-LEITURA

Inicialmente, é interessante apresentar aos alunos um texto opinativo e um expositivo, de preferência sobre o mesmo tema, para que eles não só levantem hipóteses iniciais sobre a estruturação e as etapas básicas que compõem esses textos como também possam estabelecer as principais diferenças entre eles. Como o foco do bimestre é a redação dissertativa argumentativa, optou-se por selecionar um exemplar desse gênero para ilustrar o texto opinativo¹.

Ao apresentar os textos aos alunos, solicite que atentem para a fonte utilizada, a extensão do texto, a organização em parágrafos, a divisão em subseções, a presença de recursos visuais, o vocabulário utilizado etc. Dessa forma, eles realizarão uma atividade inicial importante que facilitará uma leitura mais aprofundada e crítica. Para realizar essa atividade, seguem abaixo sugestões de seleção:

¹ Outros gêneros poderiam exemplificar o texto opinativo, mas um exemplo de redação dissertativa argumentativa foi considerado mais adequado devido ao foco bimestral.

TEXTO 1

Quinze minutos de fama (ou a eternidade)

Estar em todos os lugares sem sair de casa, acesso rápido às informações e contato com as pessoas em frações de segundo: são algumas das maravilhas do mundo moderno. Porém, é preciso cuidado ao lidar com tamanha facilidade de interação. Falta de privacidade, demasiada exposição individual e até mesmo a perda de personalidade são fatores que andam na contramão da progressiva internet.

Fazer parte de uma rede social hoje é, além de ferramenta de comunicação, possibilidade de usar a web a seu favor, personalizando-a e adequando-a às suas necessidades e preferências. Não raro, acontecem exageros na hora de expor detalhes sobre a vida, o que representa sério risco, visto que a internet é um meio público, de fácil acesso e manipulação de dados. Sem autorização, é frequente o número de meninas que se veem em fotos de sites pornográficos.

Ainda no contexto de exposição individual, há outra vertente: a falta de privacidade. Embora todos queiram seus “quinze minutos de fama”, esse tempo se torna incontrolável quando há minúcias sobre a vida pessoal disposta na rede. Passivo de críticas, preconceito e do tão famoso “bullying” está quem perde o controle de suas informações, além de o problema extravasar da vida digital para a vida real.

Para os jovens, a maior dificuldade parece ser discernir o real do literário. Ainda em formação moral, muitos deles assimilam as piadas e ideias alheias como suas, sem prévia crítica. Acontecem assim, sem que haja controle, disseminações de brincadeiras de mau gosto, de padrões comportamentais prejudiciais, muitas vezes, à vida, à sociedade e à construção de sua personalidade.

Diante das inúmeras discussões comportamentais que a nova era digital propicia, é preciso repensar e nortear as ações individuais para que se mantenha agradável e saudável a vivência coletiva. Órgãos públicos, agentes de educação e família devem trabalhar na disseminação de informações sobre a vida online. Nesse sentido, será possível percebê-la como qualquer outro ambiente social, que implica respeito e reconhecimento de limites pessoais.

Texto adaptado.

Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/guia_participante_redacao_enem2012.pdf, pp.42-44.

TEXTO 2

REDES SOCIAIS ONLINE - PRIVACIDADE

REDES SOCIAIS

Com o avanço das tecnologias de informação, as redes sociais online surgem como um importante meio de socialização e comunicação. Ao ingressar em uma rede social online, o usuário tem a possibilidade de criar um perfil, participar de comunidades, comunicar-se com outras pessoas e utilizar recursos, tais como blogs, mensagens instantâneas, fóruns. [...]

As redes sociais têm atraído um número cada vez maior de usuários. No ano de 2005, não houve nenhum site de rede social classificado no “*world's top 20 English-language Web sites*”. No entanto, em 2008, cerca de metade da lista era ocupada por sites voltados para este serviço. Em junho deste mesmo ano, o número de usuários que frequentavam a rede apenas uma vez ao mês representava cerca de 2/3 do total de usuários da internet. De acordo com um estudo recente feito pela IBM, o número destes usuários deve ultrapassar a faixa de 800 milhões em 2012.

PRIVACIDADE

Com o crescimento do número de usuários das redes sociais online, surge uma série de questionamentos acerca da privacidade das informações destes usuários. Muitas vezes o usuário não toma as devidas precauções ao expor seus dados, facilitando ataques.

Em geral, os ataques fazem uso de informações do usuário “que não deveriam ser públicas para tirar proveito financeiro ou para desmoralizar uma pessoa, uma empresa ou uma instituição” [NAGY et Pecho, 2009]. [...]

PRIVACIDADE EM REDES SOCIAIS ONLINE

A essência dos sites de redes sociais online é a comunicação e a interconexão entre pessoas. Para tanto, a rede permite que o usuário preencha um formulário com diversas informações pessoais e profissionais, o perfil do usuário na rede. Entretanto, em muitos casos, o usuário não toma as devidas precauções no momento de discernir que informações deve tornar públicas. Um fato interessante é que as pessoas são muito mais propensas a compartilhar seus dados em redes sociais do que em outros meios de comunicação, como por telefone, e-mail ou pessoalmente. “É o chamado Paradoxo da Privacidade” [NAGY et Pecho, 2009].

Um grande problema na questão de privacidade deve-se ao fato de que as redes sociais online não alertam os usuários sobre os riscos que eles podem estar expostos ao participar da rede, divulgando informações pessoais.

De acordo com Andrea Matwyshyn, responsável pela organização do congresso de Melhores Práticas de Segurança da Informação no início de 2009, “A definição tradicional de privacidade está sendo contestada”. A falta de consciência dos jovens na divulgação de suas informações pode trazer consequências futuras desagradáveis.

ATAQUES

Em agosto de 2009, os laboratórios da Breach Security Inc. fizeram uma análise dos ataques de *hackers* armazenados no banco de dados WHID (Web Hacking Incident Database). Abaixo, os ataques são classificados de acordo com a instituição alvo. “Essa classificação mostra que o maior percentual está relacionado a aplicações da web 2.0, sendo estas atribuídas em grande parte a sites de redes sociais” [BREACH SECURITY INC., 2009].

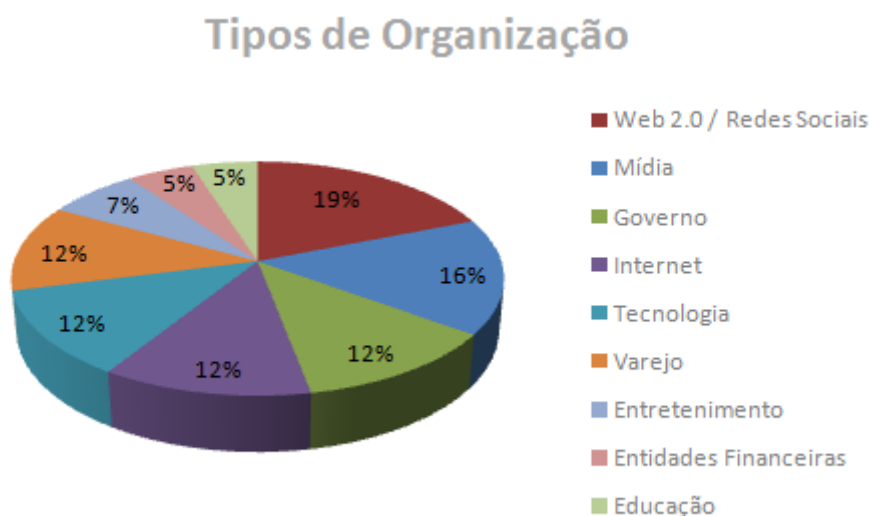


Figura 2. Gráfico com a classificação dos ataques de acordo com o tipo de organização alvo.
Resultado de uma dos laboratórios da Breach Security Inc. em agosto de 2009.

“Um fator que pode facilitar ataques é que usuários de uma rede social podem estar interessados tanto em contatos pessoais como também em contatos profissionais e, neste caso, é possível que considerem confiáveis convites vindos de pessoas desconhecidas” [NAGY et PECHO, 2009].

VULNERABILIDADES

É interessante ressaltar que, ainda que o usuário tenha um certo controle sobre seu perfil, ele está sujeito a outros fatores que influenciam diretamente na privacidade de suas informações. No que diz respeito às suas interconexões, por exemplo, ele não pode controlar o que outras pessoas revelam sobre ele. Um exemplo disso é a inserção de marcação em fotos. Um usuário pode adicionar uma foto ao seu álbum e, em seguida, inserir uma marcação para outro usuário que faça parte da sua rede social. Ainda que o usuário que recebeu a marcação não queira disponibilizar esta foto na rede, ele não tem controle sobre o que outros usuários publicam. Existe a opção de excluir a marcação, mas isto não vai impedir que outras pessoas tenham acesso àquele conteúdo. [...]

REFERÊNCIAS

BREACH SECURITY INC. The web hacking incidents database 2009. White Paper, Agosto de 2009.

IBM Urges Communication Providers to Embrace Social Networking.

NAGY, J.; PECHO, P. Social Networks Security, 2009 Third International Conference on Emerging Security Information, Systems and Technologies.

SQUICCIARINI, A.C.; SHEHAB, M.; PACI, F. Collective Privacy management in Social networks.

(Texto adaptado. GOMES, Talita Lopes. Texto na íntegra disponível em: http://www.gta.ufrj.br/ensino/eel879/trabalhos_vf_2009_2/talita/index.html)

PASSO 2: APROFUNDAR A LEITURA: LEVANTAMENTO E CONFIRMAÇÃO DE HIPÓTESES

A partir da atividade de pré-leitura dos textos, podem ser propostas algumas questões que estimulem uma leitura mais aprofundada, contribuindo, assim, para o levantamento de algumas hipóteses sobre textos opinativos e expositivos.

- (a) Que diferenças estruturais podem ser percebidas entre textos?
- (b) O que cada texto pretende comunicar?

- (c) Os textos são mais pessoais ou impessoais?
- (d) Qual dos textos é opinativo e qual é expositivo? Por quê?

Com perguntas como essas, os alunos poderão levantar hipóteses iniciais sobre as características estruturais e as etapas básicas que compõem os textos e perceber que enquanto o texto 1 é opinativo, o 2 é expositivo.

Em (A), o objetivo é fazer com que os alunos destaquem aspectos estruturais mais perceptíveis em um primeiro contato com o texto. Assim, por já terem trabalhado a estrutura do texto 1 no ciclo anterior, eles notarão que esse texto é estruturado em introdução (1º parágrafo), desenvolvimento (2º, 3º e 4º parágrafos) e conclusão (5º parágrafo). As diferenças que eles, provavelmente, destacarão em relação ao texto 2 dizem respeito à extensão – o 1 é mais curto –, à presença de subseções, ao uso de recurso visual (um gráfico), à apresentação de citações e à indicação de referências no fim do texto.

Depois de recuperarem aspectos estruturais de um exemplar opinativo e outro expositivo, em (B), os alunos serão estimulados a recuperar aspectos funcionais de cada um dos textos. Eles devem perceber que a finalidade comunicativa do texto 1 é defender o ponto de vista de que é preciso cuidado ao lidar com as facilidades de interação provenientes das redes sociais; já o propósito do texto 2 é expor dados e estudos sobre a temática da privacidade em redes sociais, sem emitir opinião sobre o assunto. Você pode ajudá-los a chegar a essa percepção, solicitando que eles (1) reconheçam em qual dos textos há a defesa de uma opinião e (2) destaquem essa opinião no texto. Essa identificação também poderá auxiliar os alunos a diferenciar opiniões e fatos.

Depois de identificar as principais diferenças entre os textos, tanto estruturais quanto funcionais, em (C), objetiva-se chamar a atenção dos alunos para uma semelhança: a ausência de marcas de pessoalidade. Você pode estimular essa percepção pedindo para eles identificarem formas verbais e reconhecerem que pessoa é

predominante. Eles, provavelmente, perceberão o predomínio da 3ª pessoa gramatical. É importante que você os estimule a levantar hipóteses sobre o porquê dessa predominância. Dessa forma, é proposta uma reflexão inicial: o uso de marcas de impessoalidade² como estratégia argumentativa para conferir a um enunciado objetividade e efeito de realidade. Tal estratégia minimiza, inclusive, o espaço para a contra-argumentação.

A fim de explicitar essa característica com mais clareza, segue uma dica de atividade:

- Escreva os enunciados no quadro:
 - I) Eu acho a cadeira confortável.
 - II) A cadeira é confortável.
- Pergunte aos alunos qual dos enunciados possui maior valor de verdade.
- Leve-os a perceber que, nos dois exemplos, há juízo de valor (confortável); no entanto, o enunciado II é mais impessoal, passa mais veracidade e é menos aberto à contestação. Esse efeito justifica o uso da 3ª pessoa gramatical em alguns textos opinativos e expositivos.

Além da utilização da **3ª pessoa**, existem outras formas de impessoalizar um enunciado³:

- **Uso de uma expressão generalizada como agente.**

Ex.: Hoje, utilizamos as redes sociais em nosso cotidiano. ➔ Hoje, todos utilizam a rede social no cotidiano.

Poderiam ser utilizadas expressões como o povo, os jovens brasileiros, a população etc.

- **Uso da voz passiva.**

² É importante destacar para os alunos que, em alguns textos opinativos (por exemplo, um artigo de opinião), a linguagem pode ser marcada pela pessoalidade, principalmente quando o autor é considerado uma autoridade no assunto.

³ Mais informações em ABREU, Antônio Suárez. **Curso de Redação**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2000, pp. 51-55.

Ex.: Hoje, utilizamos as redes sociais em nosso cotidiano. → Hoje, as redes sociais são utilizadas no cotidiano OU Hoje, utilizam-se as redes sociais no cotidiano.

Após levantarem algumas particularidades de cada um dos textos, a partir das respostas às questões anteriores, em (D), os alunos, finalmente, poderão identificar, com mais clareza, as razões que tornam o exemplo 1 um texto opinativo, e o 2 um texto expositivo.

PASSO 3: SISTEMATIZAR AS OBSERVAÇÕES

Depois das apresentações, seria interessante sistematizar o levantamento feito pelos alunos em um quadro, como no exemplo sugerido a seguir:

	OPINATIVO	EXPOSITIVO
ESTRUTURA	Introdução – apresenta a tese. Desenvolvimento – desenvolve os argumentos que sustentam a tese. Conclusão – retoma a tese e pode apresentar proposta de solução.	Pode apresentar: Subtítulos; Imagens; Boxes explicativos; Citação de outros estudos.
FUNÇÃO	Defender um ponto de vista acerca da temática em questão a partir do emprego de provas, justificativas, exemplos etc.	Apresentar informações sobre determinado assunto a partir da exposição de ideias, pensamentos, doutrinas, estudos etc.
LINGUAGEM	Objetiva e impessoal. Preferência pela 3ª pessoa gramatical.	Objetiva e impessoal. Preferência pela 3ª pessoa gramatical.

Em relação à semelhança na linguagem utilizada no exemplo opinativo e no expositivo, você pode, além de apresentar as estratégias de impessoalização já expostas, propor atividades em que os alunos tenham que eliminar as marcas de subjetividade dos enunciados.

Com as sugestões propostas até aqui, eles puderam construir e sistematizar conceitos a partir da materialidade textual. Como foi possível recuperar o contraste existente entre a estrutura e a função comunicativa de textos opinativos e expositivos, os alunos, provavelmente, compreenderão as peculiaridades de cada um desses textos.

PASSO 4: DIFERENCIAR FATO DE OPINIÃO

Você pode relacionar a identificação das especificidades de textos opinativos e expositivos ao desenvolvimento da habilidade de diferenciarem fato de opinião a partir de perguntas como estas:

- (a) Os dois textos apresentam opiniões. Com que objetivo elas são apresentados em 1 e em 2?
- (b) Os dois textos apresentam fatos. Com que objetivo eles são apresentados em 1 e em 2?

A partir dessas questões, os alunos perceberão que o objetivo de se apresentarem tanto opiniões quanto fatos é diferente em cada um dos textos devido à função comunicativa que assumem: em 1, visa-se à defesa de um ponto de vista; em 2, a finalidade é expor informações sobre determinado assunto.

Nesse contexto, enquanto o texto 1 é construído a partir de uma opinião, o texto 2 se embasa em fatos. De toda forma, assim como, no texto 1, são apresentados fatos que sirvam de fundamentos às opiniões defendidas; no texto 2, apesar de o posicionamento do autor não aparecer tão claramente quanto em 1, citam-se opiniões de outros estudiosos que também se pautaram no assunto abordado.

Uma atividade interessante é pedir que os alunos recuperem opiniões e fatos nos textos 1 e 2, como no exemplo a seguir:

TEXTO 1: OPINATIVO	
Exemplos de FATO	Exemplos de OPINIÃO
<ul style="list-style-type: none"> - “a internet é um meio público, de fácil acesso e manipulação de dados”. - “Sem autorização, é frequente o número de meninas que se veem em fotos de sites pornográficos”. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Falta de privacidade, demasiada exposição individual e até mesmo a perda de personalidade são fatores que andam na contramão da progressiva internet”. - “Órgãos públicos, agentes de educação e família devem trabalhar na disseminação de informações sobre a vida online”.
TEXTO 2: EXPOSITIVO	
Exemplos de FATO	Exemplos de OPINIÃO
<ul style="list-style-type: none"> - “Em junho deste mesmo ano, o número de usuários que frequentavam a rede apenas uma vez ao mês representava cerca de 2/3 do total de usuários da internet”. - “As redes sociais permitem que seus usuários forneçam as mais variadas informações, tais como interesses pessoais e profissionais, contato e atividades diárias”. 	<ul style="list-style-type: none"> - “Em geral, os ataques fazem uso de informações do usuário que não deveriam ser públicas para tirar proveito financeiro ou para desmoralizar uma pessoa, uma empresa ou uma instituição” [NAGY et Pecho, 2009]. - “De acordo com Andrea Matwyshyn, responsável pela organização do congresso de Melhores Práticas de Segurança da Informação no início de 2009, “A definição tradicional de privacidade está sendo contestada”. A falta de consciência dos jovens na divulgação de suas informações pode trazer consequências futuras desagradáveis.”

Provavelmente, os alunos encontrarão, com mais facilidade, opiniões no texto 1 e fatos no texto 2. De toda forma, o objetivo desta atividade é fazer com que eles percebam que, na redação dissertativa argumentativa que produzirão, a apresentação de fatos configura um importante recurso de argumentação por evidências.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: OS CONECTIVOS E SEU PAPEL ARGUMENTATIVO

Considerando a extensão e a complexidade dos papéis argumentativos de conectivos, esta sequência é composta pelo descritor de *Uso da Língua* que diz respeito aos papéis argumentativos de conectivos e sua importância na garantia de coesão e coerência textuais.

Uso da língua:

- Identificar o papel argumentativo dos conectivos coordenativos e subordinativos e usá-los de modo a garantir coesão e coerência ao texto.

PASSO 1: AGRUPAR CONECTIVOS POR AFINIDADE DE SENTIDO

Para conferir sequenciação a um texto, os enunciados devem se entrelaçar. Esse entrelaçamento pode ocorrer por justaposição (sem a presença explícita de um conectivo) ou por conexão (quando um conectivo liga enunciados, estabelecendo entre eles uma relação). Neste ciclo, visa-se a ampliar as habilidades dos alunos em relação a essa segunda ocorrência: o encadeamento por conexão.

É muito importante que os alunos saibam, claramente, tanto as relações que pretendem estabelecer, como os conectivos adequados para fazê-lo. Essa importância justifica-se pelo fato de um enunciado ter seu sentido completamente modificado ou se tornar incompreensível devido à escolha de um conectivo inadequado.

Nesta sequência, optou-se por não retomar a distinção entre os processos de coordenação e subordinação, uma vez que os alunos já trabalharam essa habilidade. Além disso, retomar essa distinção não é o foco desta habilidade, pautada no papel argumentativo e coesivo dos conectivos. Dessa forma, os conectivos foram agrupados pelo critério da afinidade de sentido⁴, de acordo com a relação que estabelecem entre os enunciados.

Antes de aprofundar os conhecimentos sobre a funcionalidade dos conectivos, é importante relembrar com os alunos as principais relações semânticas possíveis entre sentenças. É essencial não só que eles reconheçam os “rótulos”, para denominarem as relações, como também que tenham em mente que elementos linguísticos poderão estabelecer o tipo de relação desejada. Nesse contexto, as relações possíveis entre os enunciados foram divididas em grupos mais recorrentes nos textos dissertativos argumentativos. Assim, destacam-se os seguintes grupos:

(1) Grupo da causalidade – reúne as explicativas, causais e condicionais

CAUSALIDADE	
Relação	Conectivos
Explicação	<i>Porque</i> e seus sinônimos (<i>que, pois, porquanto, já que, uma vez que</i> etc.)
Causa	<i>Porque</i> e seus sinônimos (<i>que, pois, porquanto, visto que, uma vez que, como</i> (introduzindo o enunciado) etc.)

⁴ Cf. ABREU, Antonio S. **Curso de redação**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2000, pp. 22-30; AZEREDO, José C. de. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, pp. 97-107; CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du sens et de l’expression**. Paris: Hachette, 1992, pp. 493-550.

Condição	<i>Se, caso, contanto que, a não ser que, a menos que, desde que etc.</i>
----------	---

A afinidade de sentido entre causais e condicionais pauta-se no fato de ambas apontarem para um resultado. Assim como na causa (A *porque* B), na relação de condição (*Se* A, então B), se a causa existir, então a consequência também existirá.

Ex.: Já que é tão forte, (então) vai carregar o móvel.

Se é tão forte, (então) vai carregar o móvel.

A proximidade entre as relações de causa e de explicação também permite integrá-las no mesmo grupo. Alguns conectivos causais, inclusive, também estabelecem relação de explicação (*porque* e seus sinônimos). Na argumentação, a relação de causalidade é muito frequente, já que se visa à comprovação de fatos (causa) ou de opiniões (explicação). Vale esclarecer que discutir os limites entre as subordinadas causais e as coordenadas explicativas não é o foco do estudo proposto nesta sequência, que diz respeito à funcionalidade dos conectivos.

Ex.: Ela se defendeu, porque todos a atacaram. (causa)

Sua atitude foi estranha, (e digo isso) porque ninguém a atacou. (explicação)

OBS.: Na **argumentação**, enquanto conectivos explicativos introduzem argumentos (tese *porque* argumento), os conclusivos costumam introduzir teses (argumento *portanto* tese).

(2) Grupo da consequência (resultado) – reúne as consecutivas, finais e conclusivas;

CONSEQUÊNCIA	
Relação	Conectivos
Consequência	Tal/ tanto/ tamanho / tão... <i>que, de modo que, de maneira que</i> etc.
Finalidade	<i>A fim de que, para que</i> e equivalentes (com o(a) propósito/objetivo/intenção/finalidade de etc.).
Conclusão	<i>Logo, portanto, conseqüentemente, por isso, por conseguinte, pois (= portanto)</i> etc.

Diferentemente do primeiro grupo, neste, destaca-se o resultado. Os conectivos consecutivos são prototípicos para estabelecerem relação de consequência. Todavia, quando se toma a finalidade como uma consequência desejada e a conclusão como uma consequência lógica de uma premissa, os conectivos finais e conclusivos também podem estabelecer essa relação de resultado.

Ex.: Estudou tanto que aprendeu essa matéria. (consequência)

Estudou muito para aprender essa matéria. (finalidade / consequência desejada)

Estudou muito, por isso aprendeu essa matéria (conclusão / consequência lógica)

Por ser uma consequência desejada, a relação de finalidade não se torna tão adequada quando o resultado é negativo.

Ex.: Bebeu tanto que passou mal. (consequência)

Bebeu demais, logo passou mal. (conclusão / consequência lógica)

Bebeu demais para passar mal*. (finalidade)

X

Peguei tão pesado nos treinos que rompi um ligamento. (consequência)

Peguei muito pesado no treino, logo rompi um ligamento. (conclusão / consequência lógica)

X

Peguei muito pesado no treino para romper um ligamento*. (finalidade)

*A sentença causa estranhamento, por não se esperar que “passar mal” ou “romper um ligamento” sejam consequências desejadas.

(3) Grupo da oposição – reúne as adversativas e concessivas

OPOSIÇÃO	
Relação	Conectivos
Adversidade	<i>Mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto etc.</i>
Concessão	<i>Embora, conquanto, ainda que, apesar de que, não obstante etc.</i>

A concessão é um recurso discursivo muito produtivo na argumentação, já que, por meio dele, o argumentador concede razão a uma tese contrária à dele, dando a impressão de certa empatia com o posicionamento alheio, para, em seguida, invocar um argumento mais forte em favor do próprio ponto de vista.

Essa estratégia de concordar, em um primeiro momento, com um opositor para, depois, desconstruir seu posicionamento é muito útil na produção de textos

argumentativos e pode ser estabelecida por meio de conectivos adversativos e concessivos.

A diferença é que os adversativos introduzem um argumento considerado mais forte, gerando uma quebra de expectativa, enquanto os concessivos encabeçam um argumento mais fraco. De toda forma, as duas relações criam uma espécie de hierarquia entre os argumentos, configurando uma eficaz estratégia para o argumentador defender seu posicionamento.

Ex.: Muitos defendem a preservação dos recursos naturais, mas não apresentam propostas reais de sustentabilidade. (adversidade)

Embora muitos defendam a preservação de recursos naturais, não apresentam propostas reais de sustentabilidade. (concessão)

O trecho em destaque representa o argumento mais forte. Seja na construção adversativa, seja na concessiva, o argumento com força maior permanece o mesmo (nas adversativas, na oração com o conectivo; nas concessivas, na oração sem o conectivo).

É interessante mostrar aos alunos como esses conectivos são importantes na argumentação, já que orientam para uma conclusão. Para ilustrar, de forma mais clara, você pode utilizar o exemplo abaixo ou um similar:

Ex.: (1) Gosto muito de você, mas não estamos passando por bons momentos.

(2) Não estamos passando por bons momentos, mas gosto muito de você.

Se os alunos imaginassem esses enunciados em uma conversa de um casal, qual deles apontaria para o término da relação? Eles, provavelmente, escolherão o enunciado (1), porque perceberão que o fato de não estarem passando por bons momentos é mais importante do que o sentimento, logo a relação não deve continuar. Já no enunciado (2), o sentimento é mais forte que os “maus momentos”, o que orienta para a conclusão de que a relação deve ser mantida. Essa é uma forma produtiva de ilustrar como as

construções adversativas e concessivas são úteis à argumentação por orientarem para uma conclusão.

OBS.: A relação de oposição é muito importante em **textos dissertativos argumentativos**, porque orientam para a adesão do leitor a um argumento considerado mais forte para o argumentador.

Outro ponto importante a ser comentado é o perigo de se utilizarem vários conectivos que estabeleçam oposição em um mesmo período, como alguns alunos costumam fazer em suas produções. Essa prática provoca uma espécie de *ping pong* argumentativo e confunde o leitor acerca de qual argumento tem mais força e a que conclusão se pretende chegar.

Ex.: *Ela é muito esforçada, porém não é uma profissional competente, mas eu gosto dela.*

Muitos defendem a preservação dos recursos naturais, no entanto não fazem a sua parte, porém todos devem participar dessa causa.

As duas conjunções adversativas de cada enunciado comprometem, até certo ponto, a clareza argumentativa da frase. A posição do argumentador não é apresentada de modo claro, comprometendo a transparência argumentativa dos enunciados. Dessa forma, é importante que os alunos entendam por que devem evitar esses tipos de construções ao redigirem seus textos.

(4) Grupo das conformativas e comparativas – ligado à noção de “modo”.

MODO	
Relação	Conectivos
Conformativas	<i>Conforme, consoante, segundo e como</i> (quando modificam a oração principal como um todo).
Comparativas	<i>Tal qual, como (=tal qual), quanto, do que e que.</i>

A relação de conformidade ocorre quando a oração subordinada introduzida pelo conectivo conformativo modifica toda a oração principal (e não apenas o verbo⁵).

Ex.: O time não jogará, conforme declarou o técnico.

Como afirmou o delegado, o suspeito está sendo investigado.

Os conectivos comparativos exprimem o grau comparativo de superioridade, de inferioridade ou de igualdade.

Ex.: As ações são mais urgentes do que as promessas.

As promessas valem menos que as ações efetivas.

Em tese, para mostrar que um atributo está presente no mesmo grau, recorre-se a conectivos que estabeleçam igualdade. Do ponto de vista argumentativo, no entanto, toda comparação é, de certo modo, uma desigualdade.

Ex.: Maria é tão capaz de ocupar esse cargo quanto Paulo.

⁵ Quando modificam apenas o verbo da oração principal, funcionam como MODAIS (Ex.: Amou daquela vez como se fosse a última. = de modo apaixonado).

Desse enunciado, pode-se concluir que a tese é a de que o cargo deve ser ocupado por Maria. Isso ocorre porque, na argumentação, o elemento que, no comparativo de igualdade, se menciona primeiro é o ligado à tese do argumentador e o mencionado por último é contrário a essa tese.

Para aprofundar os conhecimentos dos alunos acerca do uso adequado de conectivos, é interessante propor exercícios.

Sugestões de atividades:

- (1) Fornecer uma sequência de grupos frasais organizados em períodos simples para a reescrita com aplicação de conjunções/ conectivos. Essa pode ser uma maneira produtiva de trabalhar o papel coesivo dos conectivos!
- (2) Apresentar períodos compostos com lacunas, de modo que coubesse aos alunos preencher adequadamente os espaços e identificar o papel argumentativo desempenhado pelo elemento coesivo selecionado.
- (3) Pedir para os alunos estabelecerem, a partir de um enunciado sem conectivos, diferentes relações semânticas, como no exemplo abaixo:

Ex.: Carlos saiu. Ana chegou.

OPOSIÇÃO: Carlos saiu, *mas* Ana chegou.

CAUSA: Carlos saiu, *porque* Ana chegou.

CONCESSÃO: Carlos saiu, *apesar de* Ana ter chegado.

CONDIÇÃO: *Se* Carlos saiu, Maria deve ter chegado.

Nesta atividade, é também interessante que os alunos tentem recuperar o contexto em que cada um dos enunciados poderia ocorrer, pois, dessa forma, eles atentarão ainda mais para as relações estabelecidas por conectivos.

PASSO 2: CONECTIVOS EM REDAÇÕES DISSERTATIVAS ARGUMENTATIVAS

Depois de ampliarem e fixarem seus conhecimentos acerca do papel coesivo e elementos com a coerência do texto dissertativo argumentativo.

Dessa forma, para iniciar, seria interessante selecionar um parágrafo de introdução⁶:

Estar em todos os lugares sem sair de casa, acesso rápido às informações e contato com as pessoas em frações de segundo: são algumas das maravilhas do mundo moderno. **Porém**, é preciso cuidado ao lidar com tamanha facilidade de interação. Falta de privacidade, demasiada exposição individual e até mesmo a perda de personalidade são fatores que andam na contramão da progressiva internet.

Neste parágrafo, o conectivo de oposição *porém* introduz a tese para os leitores. Como os alunos já viram, esses conectivos apresentam um argumento mais forte e orientam para uma conclusão. Assim, este parágrafo valoriza as facilidades de se viver em rede no século XXI, mas alerta o leitor para os riscos dessas “maravilhas do mundo moderno” (“Porém é preciso cuidado ao lidar com tamanha facilidade de interação”).

Ainda na introdução, apresentam-se os três argumentos que comprovam a necessidade de cuidado expressa na tese (“Falta de privacidade, demasiada exposição individual e até mesmo a perda de personalidade”). A partir daí, os três parágrafos subsequentes constituem o desenvolvimento da redação. Neles, podem-se encontrar conectivos a serviço da tese em defesa, como nos exemplos abaixo:

(1) “Não raro, acontecem exageros na hora de expor detalhes sobre a vida, o que representa sério risco, **visto que** a internet é um meio público, de fácil acesso e manipulação de dados.”

⁶ Exemplos retirados do texto 1 da primeira sequência didática destas Orientações Pedagógicas.

(2) “**Embora** todos queiram seus “quinze minutos de fama”, esse tempo se torna incontrolável quando há minúcias sobre a vida pessoal disposta na rede.”

No primeiro exemplo, o conectivo explicativo *visto que* introduz um argumento para a ideia de que “[tamanho facilidade de interação] representa sério risco”. No segundo, o conectivo concessivo é responsável por tornar mais forte o argumento da oração principal (“esse tempo se torna incontrolável quando há minúcias sobre a vida pessoal disposta na rede”). É importante os alunos compreenderem que a construção concessiva é uma estratégia que objetiva conceder valor a um contra-argumento (todos querem seus “quinze minutos de fama”) para refutá-lo (“esse tempo se torna incontrolável quando há minúcias sobre a vida pessoal disposta na rede”).

Na conclusão, deve-se retomar a tese. Para isso, é muito produtivo, nesse parágrafo, o uso de conectivos conclusivos (argumento *portanto* tese). No exemplo, não houve utilização explícita desse recurso, mas é possível recuperar a relação de conclusão (ou consequência lógica) entre o enunciado abaixo e o desenvolvimento feito nos parágrafos anteriores:

“**[por isso /portanto /logo]** Diante das inúmeras discussões comportamentais que a nova era digital propicia, é preciso repensar e nortear as ações individuais para que se mantenha agradável e saudável a vivência coletiva.”

É muito importante que os alunos compreendam essa relação dos conectivos com o objetivo de comunicação. Seja na apresentação da tese, seja no desenvolvimento dos argumentos utilizados para sustentá-la, seja na construção da conclusão, o papel argumentativo dos conectivos é sempre útil para tornar mais clara a ideia que se pretende defender.

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e suas avaliações, foram listadas e comentadas, a seguir, algumas das mais significativas e acessíveis publicações que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Habilidades

LEITURA

- *Reconhecer as características estruturais e as etapas básicas de textos dissertativos opinativos e expositivos.*
- *Diferenciar fato de opinião e relacioná-los aos fatores que concorrem para a construção do ponto de vista.*
- *Relacionar intencionalidade discursiva ao contexto de produção, ao interlocutor e à finalidade comunicativa.*
- *Reconhecer e avaliar diferentes posições sobre um mesmo fato pelo emprego dos verbos de elocução.*

USO DA LÍNGUA

- *Identificar as marcas linguísticas de impessoalidade, de opinião e de generalização.*
- *Identificar o papel argumentativo dos conectivos coordenativos e subordinativos e usá-los de modo a garantir coesão e coerência ao texto.*

Livros teóricos

(Referências impressas)

ABREU. Antônio Suarez. **Curso de redação**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2000, pp. 51-55.

No capítulo 7, “Impessoalização do texto”, são apresentadas estratégias para omitir agentes e tornar um texto mais objetivo. Ao final, são propostos exercícios de impessoalização de enunciados.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, pp. 140-163.

No capítulo 8, “A coesão pela conexão”, a autora chama atenção para a função textual dos conectores, apresentando algumas das principais relações estabelecidas entre enunciados e parágrafos. Em cada relação apresentada, há exemplos seguidos de explicações interessantes para serem trabalhados em sala de aula.

AZEREDO, José C. de. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, pp. 97-107

Neste capítulo, o autor propõe o agrupamento dos conectores pelo critério da afinidade semântica em cinco grupos: da causalidade; da consequência; da oposição; das modais, conformativas e comparativas; e da localização no tempo e no espaço.

GOUVÊA, Lúcia Helena M. Operadores argumentativos: uma ponte entre a língua e o discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino e SANTOS, Leonor Werneck dos (Orgs.). **Estratégias de leitura: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, pp. 205-116.

Neste artigo, analisa-se a relação entre operadores e modos de organização do discurso. Com relação ao modo de organização argumentativo, a autora associa alguns operadores a estratégias textuais de argumentação. O artigo conta com exemplos e considerações teóricas produtivos para o trabalho em sala de aula.

KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 186-189.

Parte do capítulo “Escrita e progressão sequencial”, nessas páginas as autoras falam sobre os encadeamentos a partir da análise de textos. Ao fim, oferecem sugestões de

recursos produtivos para ampliar a consciência dos elementos linguísticos adequados ao estabelecimento das várias relações de sentido.

PEREIRA, Cilene da Cunha *et al.* Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino e SANTOS, Leonor Werneck dos (Orgs.). **Estratégias de leitura: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, pp. 27-58.

Neste artigo, apresentam-se considerações teóricas sobre os modos de organização do discurso; entre eles o argumentativo e o expositivo. Ao final (pp. 42-56), são oferecidos exemplos da relação entre gêneros textuais, modos de organização do discurso e recursos linguísticos característicos para o professor trabalhar em sala de aula.

Livros didáticos

AMARAL, Emília *et alii*. **Português: novas palavras**. vol. 3. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010. Coleção Novas Palavras.

A seção “Redação e Leitura”, com destaque para os capítulos de 3 a 8 (capítulo 3: O mundo dissertativo, pp. 414-424; capítulo 4: Dissertar e descrever; a delimitação do tema, pp. 425-439; capítulo 5: Dissertar e narrar: assumindo um ponto de vista, pp. 440-451; capítulo 6: A argumentação causal; a importância dos exemplos, pp. 452-469; capítulo 7: A estrutura do texto dissertativo, pp. 470-484; capítulo 8: Jogos lógico-expositivo, pp. 485-503). A obra traz ainda o suplemento didático, “Conversa com o professor”, que apresenta objetivos, sugestões de procedimentos e propostas de atividades complementares, incluindo exercícios de reescrita de produção textual, além de sugestões de atividades extraclasse e de leitura de obras de apoio ao professor, envolvendo o gênero textual dissertativo-argumentativo, pp. 70-80.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. **Texto e interação**: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2005, pp. 342-366.

No capítulo 35, “A introdução ao texto dissertativo-argumentativo”, pp. 342-352, são apresentados alguns dos principais tipos de introdução. No capítulo 36, “O desenvolvimento do texto dissertativo-argumentativo”, pp. 353-359, são analisadas algumas estratégias produtivas para o desenvolvimento de argumentos. No capítulo 7, “A conclusão do texto dissertativo-argumentativo”, são expostos os tipos mais comuns de construção da conclusão. Todos esses capítulos contam com exemplos e propostas de exercícios.